

O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 5

Ninguém duvida das rectas intenções com que o nosso conselheiro ministro preside a todos os actos;—ninguém sabe melhor sustentar a dignidade do seu cargo;—ninguém, reparte melhor a sua fortuna!—ninguém tem dado maiores exemplos de abnegação e desinteresse e mais dignos de imitar-se!

Entremos no tribunal e vejamos com que amor e respeito preside aos diferentes actos, que se passam, quer no tribunal, quer na sua presença, quer na presença do Curador geral dos orfãos, quer mesmo, em outra parte, fóra do alcance das vistas d'elle juiz!—uma longa pratica, um fino tacto, um alto saber perscruta os animos e logo, sem hesitar, nem receio de enganar-se pelo perfeito conhecimento, que tem dos homens, vê tudo, que se passa no seu interior, e não precisa nem conhece-los nem ouvi-los para formar juizo seguro e habilitar-se desde logo a dar causa justa e desapaixorada.

Que homem!—que intelligencia!—que saber!

Olhemos para os diferentes advogados e vejamos em que se empregam;—façamos de conta, que inquiram testemunhas;—debatem-se, contestam os seus ditos e alfim redigem os seus depoimentos;—se se lhes perguntar, na volta para casa, o que ellas disseram, não sabem, mas elle juiz sem as ouvir, sem as perguntar e mesmo lêr os articulados, só por olhar para ellas, vê tudo, que se passa no seu interior, e subscrive os seus dictos com conhecimento de causa, muito superior aos advogados!—*beatus venter.*

Se o curador geral dos orfãos preside a uma reunião de conselho de familias, se remove os diferentes attritos, que se apresentam, se emite alvitres, se decide questões;—o juiz não ouve o que se passa, mas só com a sua assignatura, comprehendeu melhor os deveres do seu cargo do que o proprio curador geral dos orfãos, que assistiu a todas as questões!—*concepções felises!—entes privilegiados, que a natureza creou para ornamentos da magistratura!*

Se um procurador (todos estes actos

se passam ao mesmo tempo) inquire as testemunhas de uma justificação, e se lhe pedem para a julgar, fa-lo alli mesmo sem lêr, nem vêr, nem receio de se enganar!—*as muzas protegem-no e a avó pede por elle no inferno!*

Se um escrivão, n'um gabinete ou outra qualquer parte, fóra do tribunal, inquire testemunhas crimes, ainda que não saiba aprecia-las, redigir os seus dictos, ver-lhes as contradicções—o juiz só com a sua assignatura sanou todas as faltas, e fica habilitado para na audiencia geral affirmar que a testemunha cahiu em prejuizo!—*é satanaz a pregar-lhe ao ouvido!*

Se, em casa, o escrivão igualmente as toma, não lhe dêem cuidado, que a feiticeira falla-lhe ao ouvido, e remedeia todas as faltas subscrevendo por elle, e com tal perfeição, que nada deixa a desejar ao melhor prestidigitador!

Fique tudo filiado na mesma escola, com carta branca se fôr preciso para mais: o escrivão pode em sua casa formar corpos de delicto, justificações de fianças, (a cada um a sua) e depois dar conta ás cortes do que se passou podendo contar desde logo, que tudo será approved: *deus deixou na sua igreja remedio para todo o genero de peccados!—e este não é grande!*

Deus louvado!—são rectas as intenções do nosso juiz com uma abnegação e desapego ao dinheiro, que mal faz para repartir com os pobres!—*até deu seis centos e quarenta réis para commodidade dos presos da cadeia!*

Perspicaz, e vigilante ordena, que se façam, em pró da humanidade, justificações civeis em materia crime, e que se intimem os parochos, os juizes eleitos, regedores e cabos de policia para denunciarem os inventarios que escaparam á rede varredoura!—*tudo por abnegação e desinteresse!*

Maldictos!—não vos lembreis dos engeitados, nem d'outros, que não sustentem a dignidade do cargo;—lembrai-vos de tudo, que seja em pró da humanidade, e que faça recordar os hons tempos, em que, do Brazil vinham os quintos para Portugal.

A justiça tambem cunha d'esta especie

de moeda, sendo este decerto o melhor sangue, que pode girar nas veias!—*a Deus!*

AMOR DO TRABALHO.

Um dos maiores e mais importantes beneficios, que se pôdem fazer aos homens, e em especial á classe popular, é inspirar-lhes o amor do trabalho; mostrar-lhes a sua utilidade, as suas inapreciaveis vantagens, os seus felizes resultados; fazer entrar este assumpto, como parte essencial, no plano da instrucção das primeiras escholas.

O trabalho é o destino commum de todos os homens, que existem sobre a terra. «comerás o pão» (disse Deus ao nosso primeiro pae) «comerás o pão á custo do suor do teu rosto.»

Quem trabalha cumpre com o seu destino; obedece á voz do seu Creador.

O trabalho é a verdadeira pedra philosophal, que os antigos com tanto empenho, e tanto em vão, pretenderão indagar. A pedra philosophal consistia em converter os metaes em ouro. O homem tem em si mesmo a arte de crear o ouro; basta-lhe pôr em movimento os seus braços e as suas mãos.

O trabalho não deslustra, antes enobrece e exalta a dignidade do homem. Pelo trabalho consegue o homem subjugar a natureza e fazer-se senhor d'ella; conquista as suas riquezas e o seu poder; transforma de mil modos os seus productos, e os multiplica; governa em fim a seu arbitrio, e faz secundas as forças, que ella tem dispersas, e talvez ociosas, pelo ar, pelas agoas, no seio da terra, e pelo mais recondito dos elementos.

O trabalho fixa e ao mesmo tempo entretem a inquietá actividade do homem, regulando-a e desviando-a de perigos, de extravios e excessos; captiva-lhe os sentidos e os submete a um regimento salutar. Os exercicios do trabalho previnem ou acalmão as agitações da phantasia; dissipão os seus vãos prejuisos, e extravagantes chiméras: trazem o homem ao conhecimento do positivo, do útil, ao paiz das realidades. O trabalho é um eschola de sobriedade, de temperança, de vir-

tude, e livra o homem dos funestos perigos da ociosidade. Os vícios não entram de ordinario, ou não entram com facilidade, na casa do homem laborioso, que não tem tempo para os acolher, afagar, e animar. O homem afeito ao trabalho não se lembra do jogo; porque não necessita de buscar meios de perder o tempo; não tem occasião de entrar em rixas e contendas com os seus visinhos; não tem necessidade de usurpar o alheio para sustentar a vida. A estatística dos crimes mostra que as classes laboriosas são proporcionalmente as que menos figura fazem no odioso e abominoso quadro das maldades humanas.

O trabalho é também uma escola de resignação, porque nos ensina e lembra a nossa dependencia; corrige e castiga o nosso orgulho e vaidade; conduz-nos á consideração dos nossos deveres e da nossa commun sorte; e é um longo e continuo commentario d'aquella verdade capital, que define a vida humana como um tempo de soffrimento, e como uma grande preparação para outro melhor estado.

O trabalho conserva a saúde; dá força, vigor, robustez, e agilidade ao corpo, entretem a tranquillidade do espirito, a paz interior, o equilibrio das paixões, o exercicio de todas as nossas faculda-

des. Com o trabalho paga o homem o tributo que deve á sociedade, que o protege e defende; consilia o amor de sua familia, dos seus visinhos, dos seus concidadãos, e dá bons exemplos a seus filhos.

Emfim; o homem amigo do trabalho é essencialmente interessado na conservação da boa ordem publica; porque d'ella depende a posse, e gozo pacifico dos fructos da sua industria.

Convenção-se bem os homens d'estas importantes verdades. Tomem os paes e os mestres a seu cuidado inspiral-as no animo dos seus filhos e discipulos. Procurem os parochos introduzil-as em seus discursos e exortações, empregando n'isto toda a efficacia do seu zelo, toda a influencia do seu respeitavel ministerio. Mostrem ao povo quanto é agradável a Deus, que cada um, trabalhando, cumpra com o que elle lhe ordenou; digão-lhe que as Sanctas Escripturas estão cheias de preceitos e de maximas sobre este objeto; de severas invectivas contra a preguiça e ociosidade; de terriveis pinturas dos funestos effeitos destes odiosos vícios.

O povo é naturalmente religioso e christão; mas é necessario dirigir-lhe bem esta feliz propensão, e não abusar della. Para isto basta expor-lhe singelamente a verdade e fazer-lha sentir.

FOLHETIM

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Desde tempos immemoriaes sempre houverão homens tão ouzados, que intentarão imitar os passaros, para, como elles, fenderem o espaço, e voarem nos ares por meio d'azas artificiaes, sem se lembrarem, que a estrutura do corpo humano é mui diversa da das aves, e que, de nenhum modo se pode prestar ás evoluções e misteres, a que a prósvida natureza destinou a destas.

Diz a fabula, que *Dedalo*, de quem já em uma das nossas anteriores missivas nos occupamos, vendo-se encerrado com seu filho *Icaro* no labyrintho de *Creta* por ordem de *Minos*, atára em si e no filho azas, pegadas com cera, e, que conseguindo evadir-se ambos, *Icaro* por estabonado, como é o *Zina* na administração da justiça, e em inventar meios cavilozos de extorquir emolumentos, voára tão alto, que o calor do sol lhe derreteria as azas, e cahira no mar *Egeo*, onde perecera afogado, sendo por esse motivo denominado então esse mar *Icario*.

Infeliz rapaz! Se teve a gloria de dar seu nome a um mar, nada lucrrou por ter voado, e menos ainda por se ter evadido do labyrintho; mais feliz do que elle é o *Zina*; por que se tem a gloria de fazer, com que se denominem *Zinadas* as tropelias e malversações, que quotidianamente pratica com o maior escandalo na administração da justiça, e

Zinices as empalmações de emolumentos e salarios, que indevidamente extorque com o mais cinico desfaçamento, também disfructa impuamente o producto de tantas, e tão reiteradas extorsões, a que elle, com um inqualificavel desaforo, chama equívocos. Que harpia!

Desculpe-me, Compadre, a divagação, que me parece não vir fóra de propozito; e, para o não massar mais, proseguirei no assumpto, que tive em vistas.

Até no nosso *Barcellos* já houve quem quizesse voar com azas artificiaes; si rite recordor chamava-se o novo *Icaro*, *Francisco da porta do Valle*; a mania porém sahiu-lhe cara; porque em uma das tentativas, que fez, cahiu de uma ramada, onde se havia collocado para desferir as azas, e fracturou um braço!

Apezar de tantas tentativas infructiferas, e de outros tantos desastres, mais ou menos fataes, ainda ha, quem prosiga na idéa. Lá appareceu agora na *Belgica* o sr. *Grooff*, por antonomazia o homem voador, que fez andar em bolandas a policia de *Bruxellas*, por se ter mallogrado uma das experiencias d'elle.

Tendo annuciado esse *ratão*, que subiria ás regiões ethereas por meio d'um aparelho de sua invenção, quando se preparava a hir pelos ares fóra, e se achava apenas distante do solo dous ou trez pés, estendeu-se ao cumprido no chão! A multidão indignada pelo logramento, em que cahira a sua nimia credulidade, ao som de estropitozas corrimaças, vaias, e insultos, que dirigiu ao pobre homem, quiz ainda em cima fazel-o soffrer a sorte de *St.º Estevão* protomartir; mas a policia para lhe valer levou

NOTICIARIO

Correição—Dizem-nos, que, effectivamente, está tudo preperado em Espozende para o juiz de direito da comarca faser a sua entrada triumphante. Ha diferentes convivas para um jantar, que o juiz mandou preperar á expensas suas (dos orfãos, das viuvas e dos presos) sendo o local destinado o tribunal das audiencias.

Para obstar a algum desaguisado, ou que se aproxime algumas das pessoas insultadas na cabeça da comarca, ou algum orfão ou viuva a reclamar o que o juiz *indevidamente* lhes tem levado, marcham d'aqui alguns officiaes de diligencias, que juntos aos do julgado farão a policia para que semelhantes *discolos* não perturbem o regosijo da festa.

Dizem-nos, que estão avisados os juizes eleitos e parochos de todas as freguezias para virem fazer declarações das pessoas que devem faser inventarios e os não teem feito.

É uma arbitrariedade, um abuso de poder, mandar-se intimar os parochos das freguezias para fins, que a Lei não determina, e que não está nas attribuições de juiz.

Os parochos não devem faser caso de semelhantes intimações, porque ninguem é obrigado a obedecer aos caprichos da auctoridade, ás suas arbitrariedades e despotismos:—as suas attribuições estão marcadas na Lei, e ninguem é obrigado a fazer, o que ella não determina.

Aqui já se praticaram eguaes excessos, chegando-se a ameaçar um parochos com as penas de desobediencia!

Desobediencia!—*nós chamamos-lhe despo-*

pedrada de criar bicho. Safa! Que petisco!

Que terrivel arma não é a pedra! Eu meu bom Compadre, sempre, tive muito medo de pedradas; não foi com uma pedrada, que *David* deitou por terra o gigante *Goliath*, e com o mesmo projectil, que, ainda ha pouco, um estudante matou outro em Coimbra? É quanto não é de temer essa arma na mão de um doudo? Por isso, e para utilidade deste bom Povo, sempre nas minhas orações peço a Deus, que inspire o *Zina* a não dizistir dos banhos de chuva, para que se não realize o vaticinio, que a meu Compadre fez o *Corpo aberto* de Ferreiros, a *Pithonisa* da nosso Minho, quando o Compadre a consultou a respeito. Visto ser remedio, que viva na agua, como uma rã, o fôna do *Zina*.

Pouco antes do fallecimento da *Lei da Desordem* houve, Compadre, um conclave em casa do *Zina*, a que concorrerão *ex-Cavado Beleta*, e o *Bonga*. *Beleta ex-Cavado*, com as lagrimas nos olhos, lastimou-se nos termos mais patheticos, e sentidos, por se ver comprometido até o caco da calva por haver escripto nos tres estilos na *Lei da Desordem* em defeza do *Zina*, e com uma querella ás costas, por tentativa de furto mallogrado, não por vontade d'elle preopinante *Beleta*, mas do assaltado, que se não deixou cair na aboiz, ou corriola; e que havendo-lhe o *Zina* promettido toda a protecção, agora se via exposto a execração publica com a calva á mostra, e mettido n'uma camiza de onze varas, o que não succederia se não fora a *Lei da Desordem*, porque já se não fallava nessa sua *gentileza*. e aguas passadas não movem moinhos.

Zina, que nesse dia não podéra tomar o banho de chuva, e se achava, além disso, influenciado pelo quarto crescente da lua, que

tismo e abuso de poder!

É assim, que a auctoridade perde força e prestigio e da mania de querer a todos mandar, resulta não brindar ninguém, e ser desobedecido.

Com semelhantes meios, de pretender tumultuariamente, sem exame, nem criterio, saber quaes as pessoas, que não tem feito inventarios, acontecen aqui, incommodar-se muitas pessoas, ou que não eram obrigadas a faze-los ou já os tinham feito, sendo-lhes necessario fazer despezas desnecessarias para affastarem de si o *milhafre*, que as ameaçava de devorar: voltaremos ao assumpto.

Não entendemos—Foi preso o filho de João Mendes Machado da freguezia de Villa Cova por se ter substituido na inspecção para o recrutamento do exercito por Joaquim Lucas da mesma freguezia, que não chegando á altura, se muniu com guia falsa, passada pela administração do concelho, tendo para isso reconhecido a sua identidade o regedor substituto de Villa Cova, João José de Sá Maciel.

Vemos neste facto tres criminosos:—o 1.º o regedor substituto; o 2.º na culpabilidade, o figurão Lucas; e o 3.º, o menos culpado, o filho de João Mendes Machado.

Este esteve preso 40 dias, sem ser preso em flagrante delicto nem lhe darem fiança!—e dos mais criminosos não se fez caso!! Justiça de mouro, justiça elastica, justiça da administração deste concelho!

E apregoam estas honestidades!....

Querella—Diz por ahí o escrivão da administração, que vai ser querellado o sr. dr. Rodrigo Vellozo. Não é mal feito para saber o que bem custa.

Mas porque será?—por causa da guia do filho do Mendes de Villa Cova?—a ser isto, não presta para nada a querella; é preciso pegar-lhe por outra ponta.

Sobre recrutamento ha tanta coisa, que, se se descobrem uns aos outros nem o governo civil escapa.

Nós o que queremos, são divertimentos, porque a terra não offerece d'outros.

Prisão—Entrou na sexta-feira aqui preso o parcho da freguezia de St.ª Eugenia, e um irmão. A respeito desta prisão, conta-se assim o caso.

Recolhia a Braga a guarda da ponte de St.ª Marinha, e caminhava de noite pela estrada velha, e seria meia noite quando se aproximava do passal ou morada onde vivia o parcho da dita freguezia. Ahí os cães ladraram e acometiam, ouvindo-se apóz d'isto um tiro em direcção aos soldados. Estes não seguiram a marcha e vieram dar parte do acontecido ao sr. administrador do concelho, que mandou pelo regedor saber quem tinha dado o tiro.

Em consequencia desta averigação, verdadeira ou falsa, sahio o destacamento, e trouxe presos os que acima referimos.

O facto sendo assim é de pequena gravidade, e entendemos não ser causa para tamanho espalhato, que, sendo desnecessario, e na occasião de ser preciso, não produz o effeito desejado.

O parcho ou o irmão, logo que fosse avisado pelo regedor para se apresentar ao sr. administrador do concelho, persuadimos-nos, que não tinha duvida em faze-lo, e se o não fizesse, tanto melhor;—estas ostentações de força são ridiculas.

Eleição da Misericórdia—Ficou reeleita como se esperava. São dignos dos maiores elogios pelos bons serviços, que tem prestado áquella sancta instituição. Merece especial menção o digno Provedor, que tem sido incansavel n'aquella casa, indo allí todos os dias, vigiando e com toda a sua boa vontade o bom tratamento dos doentes.

É de lamentar, que se não possa recolher allí certa especie de doentes, que cá fóra estão a morrer á fome por não poderem ser admitidos. Tambem não entendemos por que se não deve fazer dentro das forças e recursos do hospital. Aquella instituição não é religiosa (muito religiosa!) e muito bem se podiam dispensar certos actos e applicarem-se melhor para fim mais util, como é o da humanidade.

Muito se precisa da reforma dos estatutos.

Festa de St.ª Izabel—É hoje o dia em que se expõe ao publico as enfermarias do hospital. Costuma sempre apresentar-se com decencia e é de esperar, attenta a digna direcção, que o governa, que este anno em nada desmereça a dos annos anteriores.

Torna-se recommendavel este anno a visita ao hospital da Misericórdia pela ordem, bom arranjo e asseio em que se acha a cerca. São importantes os melhoramentos, que ahí se tem feito, o que muito se deve ao digno Provedor, que á sua custa fez algumas d'aquellas obras que hoje allí se encontram.

A cerca do hospital, tratada como está, convidanos a passar horas de distração, e ao viajante a conservar gratas recordações da sua situação: é realmente n'este genero a melhor perola da villa.

segundo a experiencia tem mostrado, sempre, mui poderosamente actua, e domina aquella cabeça desmiolada, dando sóco brávio sobre uma meza, respondeu-lhe furioso.

Que tendo-lhe o Pae de *ex-Cavado Beleta* inculcado o filho, como o *Milke* da litteratura, e da imprensa de Portugal, e como tal capaz de amordagar e vencer na discussão o proprio *Times*, quanto mais o *Barcellense*, elle fiado nessas bravatas, engolira a pilula, e mandara criar a *Lei da Desordem*; vendo porém frustradas as suas mais fagueiras esperanças, e que longe de amordagarem o *Barcellense*, mais robustecião os argumentos e credito deste, mais crescia o numero dos *discolos*, figadaes inimigos d'elle *Zina*, pelos distates, immoralidades, infamias, e torpezas, que apparecião na *Lei da Desordem*, e pelo descredito dos redactores; e por que estava convicto de que *ex-Cavado da Beleta* era um pedante, que mais o tinha compromettido, do que defendido, e tão inepto, que nem a si proprio se sabia defender da tentativa de furto, por quanto devia socorrer-se ao equivoco de ter posto *Deve* em lugar de *Haver*, por todos esses motivos, que o despedia de sua casa, e tinha resolvido mandar sepultar a *Lei da Desordem*.

O *Bonga* conchegando os oculos, e querendo em vão impertigar-se, o que a giba lhe não permittiu, tentou soltar alguns grunhidos, com o fim de desculpar *ex-Cavado da Beleta*, agalmar a excitação nervosa, e furor do *Zina*, e fazer, com que continuasse a apparecer a *Lei da Desordem*; ficou porém entupido e com a costumada cara de parvo, mal o *Zina*, alçando a voz, e com dois sócos, que deu sobre a meza, disse: *tenho decidido*.

Entre algumas nações negras do interior d'Africa, ha, meu Compadre, um costume

singular, mas muito exquisito: estão na sala, onde o rei convoca o conselho d'estado, doze grandes tallias com agua até o meio; chegam os conselheiros, e com passo grave cada um se encaixa na sua talha até o pescoço, d'ahi discutem e deliberão sobre o assumpto, para que forão convocados.

Se no conclave, que houve em casa do *Zina*, elle, *Bonga*, e *ex-Cavado*, se encaixa cada um na sua tina, pois todos são uma trindade de malucos, e todos tres sem precizião banhos de chuva, e d'alli discutem, e deliberão, davão no vinte. Estou certo, que havião de reconhecer, que todos tres são tolos, e que tão culpado é *Beleta ex-Cavado*, como *Bonga* e *Zina*. Oh! Compadre, ahí está um espectáculo, que eu mais quizera ver, do que quantos *surucucús* vivos, ou comedias podem haver por esse mundo de Christo!

Bem diz meu bom Compadre, que ao longe se sabem melhor as couzas do que ao perto! Não ha duvida; foi certo ter o *Zina* requizitado soldados ao *Bonga*, para assistirem disfarçados, como espectadores, á correcional intentada por *Beleta ex-Cavado* contra o *Barcellense*, o que prova as asserções mui judiciosas, que meu bom Compadre pondera.

O que porém talvez o Compadre ignore ainda, é que o *Zina* vil e cobarde, como as coizas mais vis e cobardes, para desviar de si o odioz dessa requizição, que tanto o compromette como juiz e como autoridade, porque mostra á luz do sol, que hia com intenção fixa e determinada de condemnar o *Barcellense*, e que tem a convicção de que não gosa aura, prestigio, nem respeito, atira para o dorso do *Bonga* a responsabilidade da comparencia dos soldados, e do destacamento reunido no quartel! *Ambo florentes etatibus arcades ambo*. Que duas pegas!

Que dois marrecos, venha o diabo, e escolha!

O *Zina*, Compadre, deu-se por suspeito n'uma cauza crime, em que é author *Antonio José de Lima*, e réo o dono da typographia, em que se imprime o *Periodico* do mesmo *Zina* «*Lei e Ordem*», e não se deu, nem quedar por suspeito na correcional intentada contra o *Barcellense*, por *Manoel Forte de Sá*, que, com o *Zina*, e outros *ejusdem furfuris*, collaborava na redacção da referida *Lei e Ordem*; e muito menos ainda no processo promovido por elle contra o *Ozorio*, de quem o *amanetico Zina* é figadal inimigo!

Isto é que se chama juiz *recto, imparcial, e honesto*! Por falla de espaço, não lhe explico agora a torpeza do fim, a que vizou o *Zina*, dando-se por suspeito n'uma cauza, em que já funcionou como juiz, e cuja parcialissima e injusta decizião, foi mandada reformar tanto pela Relação, como pelo supremo Tribunal da Justiça.

Queixa-se o povo de *Silveiros*, que o respectivo Parcho dera a sagrada Comunhão a varias raparigas, que commungarão pela primeira vez, sem que previamente as tivesse ouvido de confissão, o que só fez muito depois d'aquelle sagrado acto! Que sacrilegio, e desacato dignos do mais exemplar castigo!!! Um mau sacerdote faz mais mal ao catholicismo, do que uma legião de protestantes. O referido Parcho, dizem, que é surdo, como um rochedo: como pode elle parochiar? Talvez fosse por cauza da surdez, que elle dispensou as raparigas da confissão previa: tem mais poderes do que o Papa!

Seu compadre e amigo.

SIMPLICIO D'ARRUDA.

Leis contra o luxo.—Varias vezes em Portugal publicaram os reis leis sumptuarias. D. João II, por exemplo, prohibiu as sedas, brocados, chaparias, bordados e canutilhos, de que no seu tempo se fazia uso immoderado, e isto ás pessoas de todas as condições; e só permittiu que os homens trouxessem gibões, carapuças e pantufos de seda, e as mulheres sobre-saias, cintas e bordados do mesmo tecido. O rei, a rainha, o principe e o duque de Bragança foram os primeiros a vestir-se ao modo por que ordenava o decreto. Nas festas do casamento do infeliz principe D. Affonso com a infanta D. Isabel foi, porém, revogada inteiramente a lei; mas, fidas as festas, continuou a ter vigor.

A electricidade e as plantas.—A electricidade atmospherica exerce grande influencia sobre a vegetação. Tem-se verificado, que os annos de mais trovoadas são os mais productivos e de colheitas mais abundantes. As arvores mutiladas pelo raio ou pela saraiva rebentam depois com mais vigor. As chuvas que resultam das tempestades electricas, produzem grandes beneficios, porque regam copiosamente as plantas, lavam a atmospherica de muitas impurezas, e enriquecem a terra em muitos principios nutritivos, eminentemente uteis para a vegetação, principalmente substancias azotadas, que se formam no seio do ar na occasião das trovoadas.

A fome.—Nos mais penosos extremos d'esta imperiosa sensação, o homem é impellido por um impulso irresistivel a devorar as substancias mais refractarias á acção do aparelho digestivo.

A historia dos naufragios e dos infelizes mineiros abunda em factos horriveis. Os naufragos da fragata «Medusa» chegaram a comer correias do seu armamento e o couro dos chapéus. Esgotados estes recursos, servia de alimento a carne dos cadaveres dos que iam succumbindo, e até se commetteram barbaros assassínatos, para devorar a carne das victimas.

Os naufragos de outro navio, o «Francis-Spaight», obrigaram o cozinheiro a matar o marinheiro mais novo, e o cadaver deste desgraçado foi promptamente devorado. A tortura e delirio da fome desvaçou o espirito dos desgraçados a ponto de fazerem novas victimas, sendo o primeiro sacrificado o proprio cozinheiro, e assim continuou o banquete horroroso de carne humana. O instincto e necessidade da fome tornam-se tão violentos, que não respeitam o sentimento mais nobre e carinhoso da vida, a maternidade! Citam-se factos, em que as mães devoram os proprios filhos!

Os companheiros do celebre viajante Franklin chegaram a comer os sapatos, e até ossos velhos já corroidos pelos vermes. Mineiros que ficaram sepultados por muito tempo nas galerias subterraneas, perseguidos pela fome, chegaram a alimentar-se com a propria roupa que os vestia. Em muitas viagens demoradas, depois de esgotados os mantimentos, os marinheiros lançam mão de tudo que encontram para se alimentar, preferindo as substancias de origem organica.

A sede.—Os tormentos da sede são mais insupportaveis que os da fome. Citam-se factos de assédios de algumas praças de guerra, em que os soldados tiveram a coragem de resistir á fome durante alguns dias, rendendo-se porém promptamente, logo que foram atormentados pela sede. Alguns

homens tom-se suicidado pela fome, resistindo heroicamente por muitos dias, mas bebendo sempre agua com avidéz. No naufragio da «Medusa» a sede foi tão horrorosa, que os naufragos bebiam a propria ourina depois de arrefecida em vaso de lata. A vida tanto do homem como de outros animaes resiste por mais tempo ás torturas da fome, que ao flagello da sede.

Excentricidade.—Um celebre medico de Boston, nos Estados-Unidos da America, dr. Warren, determinou no seu testamento o seguinte:

As honras funebres só serão celebradas ao seu cadaver, depois de lhe injectarem nas veias uma dissolução de acido arsenoso. Em seguida será feita a autopsia com todo o cuidado, examinando-se escrupulosamente certas particularidades, que elle suppunha existirem no seu organismo. Finalmente o esqueleto, depois de preparado e articulado com a maior perfeição, será depositado no museu de Boston.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTOS

Mária do Rozario Viuva, d'esta villa, não podendo pessoalmente como desejava, agradecer a todas as pessoas que lhe fizeram a honra de a visitar, acompanhar e assistir ao responso que no Semiterio da St.^a Caza, se fez pela alma de seu falecido marido Domingos José Lopes, e bem assim aos illm.^{os} snrs. Phylarmonicos que gratuitamente tocarão ao mesmo responso, a todos agradece e protesta seu eterno reconhecimento.

Maria Amalia Pinto de Souza, Adelaide Carlota de Souza e Laura Adelaide da Silva, residentes na freguezia de Barcelinhos, agradecem a todos os ill.^{mos} snrs. que se dignaram comprimental-as, e assistir ao officio de sepultura, que teve logar na igreja da mesma freguezia, em a noite de 13 do preterito, por alma de sua finada filha, sobrinha e prima, Anna Albertina de Jezus Calheiros, e bem assim a todos os rev.^{mos} snrs. ecclesiasticos e mais pessoas, que por essa occasião lhes prestaram gratuitamente seus serviços, merecendo menção especial os snrs. João Emilio de Souza Caravana, padre João Fernandes e Domingos Figueiredo, protestando a todos seu reconhecimento e indelevel gratidão.

Missas geraes

Todo o reverendo sr. sacerdote, que nos dias 6, 7 e 8 do corrente mez qui-

zer dizer missa com responso no fim, na parochial igreja de Santo André de Barcelinhos, pela alma do finado Domingos Silverio da Cruz, receberá de esmola por cada uma 500 réis.

MACHINAS DE COSTURA

DE SINGER

Vende-se em casa de Manoel Pereira Leite de Carvalho desta Villa no Campo da Feira, assim como agulhas e al-gudões de cores proprias para as mesmas. Preço commodo. Ensino Gratis. (3)

A meza da irmandade da Senhora da Graça, d'esta Villa, convida os seus irmãos, para domingo, 13 do corrente, pelas 3 horas da tarde, na Collegiada desta Villa, se proceder a nova eleição, visto haver sido annullada pelo conselho do Districto, a que anteriormente se havia procedido.

O Juiz—Joaquim Pinto Pacheco

AVIZO AO PUBLICO

Custodio da Cunha Bandeira

Aviza aos seus amigos que se acha n'esta Villa, no largo das Fontainhas, com estabelecimento de carros para fretar, e quem com elle quizer tratar para qualquer parte que hajão estradas proprias, quer por frete, quer por passageiros, queira dirigir-se áquelle local.

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA DO BARCELLENSE

Assigna-se em Barcellos no escriptorio no Campo da Louça, na frente do Norte.

Preços:

Por trimestre 420 réis—Franco de porte 360 réis—Número avulso 30 réis.

No mesmo escriptorio se recebem annuncios e correspondencias a 30 réis por linha, com o abatimento aos srs. assignantes de 50 por cento;—annuncios repetidos 15 réis.

Toda a correspondencia deve vir franca de porte, legalisada e subscriptada á Redacção do BARCELLENSE.

Para os srs. assignantes quando seja de interesse publico será inserida gratuitamente.

RESPONSAVEL

José Joaquim Lopes da Silva

BARCELLOS:—Typ. do **Barcellense**

CAMPO DA LOUÇA N.º 11.